

Inspetoria Salesiana São Pio X - BPA

Porto Alegre - RS - Brasil

Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora

Ponta Grossa - PR - Brasil



Padre Octaciano Ribeiro de Souza

★ 14 de julho de 1914 - Piquete - SP

† 17 de julho de 1999 - Ponta Grossa - PR

Padre Octaciano Ribeiro de Souza

P. Octaciano Ribeiro de Souza faleceu na madrugada do dia 17 de julho de 1999, na cidade de Ponta Grossa, Paraná. Pertencia à Comunidade Salesiana daquela cidade, onde era muito estimado e reverenciado. Encontrou-se definitivamente com o Senhor da Vida com a idade de 85 anos, 65 anos de vida religiosa e 57 anos de ordenação sacerdotal. Grande devoto de Nossa Senhora e dos Santos Salesianos. Distinguiu-se pela simplicidade, bondade, piedade e alegria, com seu sorriso e olhar característicos.

Ele mesmo, num dos seus escritos de 1992, dá várias informações sobre sua vida salesiana.

“Nasci em Piquete, Estado de São Paulo, no dia 14 de julho de 1914.

Fiz a primeira comunhão em Lorena, aos 08 de dezembro de 1926, no Santuário São Benedito, no Colégio Salesiano São Joaquim.

Freqüentei o “Oratório São Luiz”, na cidade de Lorena.

Fui para o Seminário Salesiano de Lavrinhas, no dia 04 de fevereiro de 1928, após ter feito a quinta série do Ginásio, no Colégio Salesiano de Lorena.

Em 1933 terminei o Ginásio, e vesti a Batina para fazer o noviciado em Campinas. No dia 31 de janeiro de 1934, fiz os primeiros votos religiosos como Salesiano.

Em 1934 e 1935, fiz o curso de Filosofia, Pedagogia em Lavrinhas, Colégio São Manoel. Em 1936 fui transferido para Cachoeira do Campo, em Minas Gerais, para o triênio como professor do ginásio, e aí passei três anos de professorado.

Em 1939 comecei a Teologia no Alto da Lapa, São Paulo, ordenando-me sacerdote no dia 08 de dezembro de 1942.

Como sacerdote, fui trabalhar no Seminário de Lavrinhas, até 1947, quando fui transferido para o Colégio Dom Bosco de Cachoeira do Campo, Minas Gerais.

Em 1948, voltei para o Seminário de Lavrinhas, onde fiquei até 1950, quando fui transferido para o Colégio Santa Terezinha, na Capital, São Paulo.

Em fins de julho, fui transferido para o Colégio Salesiano de Bagé, e em 1951 fui transferido para o Colégio Salesiano de Rio Grande.

Em 1952, retornei para Bagé e em 1953 fui transferido para o Colégio Salesiano de Rio do Sul, Santa Catarina.

Em 1954, retornei para o Colégio Salesiano de Bagé. No ano seguinte segui para o Colégio Salesiano da cidade de Rio Grande, onde fiquei até 1971, quando fui transferido para o Instituto Salesiano de Curitiba.

Em 1972, fui transferido para Itajaí, para trabalhar no Oratório Festivo e na Paróquia Salesiana de São João Bosco.

Em 1974, segui para Massaranduba, zona colonial, para a obra salesiana dos colonos.

Em 1976, fui transferido para Ponta Grossa, onde ainda me encontro, no Seminário Salesiano.

Desde 1936, tive a felicidade de trabalhar no Oratório Festivo, por todos os lugares em que passei. Foram os melhores anos de Salesiano. Na cidade de Rio Grande fiquei por longos anos e tive a felicidade de trabalhar no ministério sacerdotal e em muitas casas religiosas, e também com as Irmãs da Santa Casa de Misericórdia. Foi nesta cidade que meu apostolado salesiano foi mais ativo. Por tudo isso, sou feliz, porque lutei e luto para ser um sacerdote salesiano como Dom Bosco queria e como fui formado desde que entrei para o Seminário de Lavrinhas, no dia 04 de fevereiro, domingo, de 1928.”

Foram muitos os depoimentos colhidos sobre a vida e a ação salesiana do P. Octaciano de Souza. Para esta carta mortuária, escolhi alguns que configuraram facetas diversas de sua vida.

Diz-nos os P. Hugo Neves Ferreira: «Nos tempos idos de 1947 a 1949, eu era Diretor de Lavrinhas e o padre Octaciano exercia o cargo de econômo (antigamente prefeito). Era músico e competente compositor. Acompanhava ao piano os cantos de operetas nas apresentações teatrais. Os aspirantes com suas vozes maviosas costumavam deleitar os ouvidos dos participantes e dos espectadores.

Nos intervalos entre um e outro ato, acompanhava também ao piano os cantos do Irmão Salesiano, Avelino Girardi, que gostava de cantar em dias festivos e solenidades: “Sou alfaiate do primeiro ano”, “Sul mare luccica”, etc.”

P. José Rauber, atual diretor da casa de Ponta Grossa, colheu alguns depoimentos: «Destacava a figura do pai e da mãe, fazendo muitas referências aos seus pais. Por diversas vezes, falou que no dia da sua ordenação sacerdotal, abraçou o pai e falou: "Pai, agora eu sou padre!" E o pai disse: "Meu filho, seja padre e bom padre até o resto da vida!" Ao que ele respondeu: "O que é isso pai!" E o pai continuou: "Você é novo e verá. Dificuldades virão e você deverá enfrentá-las." E ele assim o fez. Nunca se desviou do caminho que escolheu, tendo sempre em mente as palavras do pai no dia da ordenação.»

“Homem culto e humilde. Um homem de oração. Rezava o seu Breviário, diariamente, de onde extraía trechos que apresentava em seus sermões.

Preocupado com os adolescentes e jovens. Procurava mostrar-lhes o bom caminho. Com certeza, muitos seguiram o caminho apontado. Podemos destacar o jovem Flávio que, orientado para o seminário, e hoje prestes a ser ordenado padre, relembra a pessoa do Padre Octaciano que o encaminhou e encorajou.

Nos seus deslocamentos, a pé, da Casa Paroquial até às Capelas e vice-versa, os fazia rezando o terço. Usava permanentemente a sua batina, ou um traje escuro no qual se destacava o crucifixo. Fazia o seu relax, capinando as calçadas das ruas, na área da Matriz.

Sempre pronto, dentro das suas possibilidades físicas, para ouvir, conversar, orientar, aconselhar e abençoar. Relacionava-se com todos, sem discriminação. Devotava um grande carinho à Comunidade Dom Bosco, que, como reconhecimento, dedicou o seu nome a uma das salas do Salão Comunitário”.

P. Asídio Deretti trabalhou nove anos na comunidade salesiana de Ponta Grossa, tendo convivido todo este tempo com o P. Octaciano. Relata: “apesar de sua idade avançada, gostava de estar entre os alunos da escola. A “piazada” fazia fila para pedir-lhe a bênção. Com sorriso nos lábios e uma palavrinha para cada um, abençoava a todos.

Era um homem de Deus. Levantava cedo pela manhã e levava uma “pilha” de livros para fazer suas orações particulares, além das comunitárias. Tinha particular devoção a São Domingos Sávio e a Nossa Senhora de Fátima. Nas suas homilias, com freqüência, contava fatos sobre os mesmos.

Era muito solicitado para atendimento de confissões em seminários de outras Congregações. Exerceu este ministério com muita dedicação.

Guardo na lembrança muitas de suas virtudes. Era um homem simples, humilde, músico, piedoso, bom salesiano, de boa convivência comunitária, disponível, padre dedicado”.

Um dos grandes amigos do P. Octaciano, foi o P. Sigmundo Tarnovski, que conviveu com ele em várias comunidades salesianas. Relembra os lugares por onde o P. Octaciano trabalhou.

LAVRINHAS, SP: era o nosso ecônomo, professor de música e canto (1949); atendia bem os empregados; estava sempre no pátio na hora dos recreios; calmo e paciente com os aspirantes. Costumava passar pelos dormitórios, antes de ir para o seu quarto, e observava se os aspirantes estavam bem agasalhados; vendo caído no chão algum cobertor, o erguia para pôr sobre o aspirante.

RIO GRANDE, RS: catequista, diretor do Oratório Festivo, professor de música e português. Conduzia a “Hora Salesiana” – famoso programa semanal de rádio, sábado, das 18h às 19h, na Rádio Cultura Rio-Grandina. Tocava piano ao vivo, depois músicas gravadas e discos clássicos. Vida de Dom Bosco. Momento da Paróquia. Momento dos ex-alunos. Lia todas as intenções das missas da semana seguinte na Matriz Auxiliadora. Atendia o oratório festivo (de manhã e de tarde). Dava catecismo e levava os oratorianos para o cinema do Irmão Lírio. Atendia confissões dos internos e externos e ex-alunos e paroquianos. Atendia confissões de seis comunidades de irmãs (semanal) e dos irmãos maristas (em 1962 eram 15 irmãos). Atendia o povo das ilhas e nas capelas das Barras (Rio Grande e São José do Norte), onde deixou imensa saudade da colônia portuguesa.

Todas as noites ia à sede dos ex-alunos (no colégio) onde era assistente espiritual. Na paróquia ajudava nos batizados e encomendações. Sempre presente no pátio nos recreios.

BAGÉ, RS: professor de música e português. Capelão do Colégio do Espírito Santo e São Martim e São Domingos Sávio. Presença no pátio, lembrada até hoje pelos ex-alunos. Confessor de quatro comunidades de irmãs.

PONTA GROSSA, PR: convivi com ele de 1996 até a morte (17 de julho de 1999). Confessor do Mosteiro Portaceli (Uvaranas); dos seminaristas da diocese e em Irati; do seminário dos sacramentinos; da Associação “Arautos do Evangelho” – Uvaranas. Foi professor de música e de canto e depois confessor dos aspirantes do Instituto São José. Capelão da

Capela Dom Bosco, onde é muito lembrado (também nas outras capelas). Solicitado a ajudar em alguns fins de semana em Curitiba (onde tinha morado outrora), ia com muito gosto. Deixou profundas amizades em Curitiba, onde também atendia, sempre que necessário, a capelania do Hospital Geral (ex-sanatório médico do Portão).

Qualidades: excelente músico; presença constante no pátio; devoção a Nossa Senhora; devoção ao Santíssimo Sacramento; fidelidade à récita do ofício divino, à celebração da Eucaristia (mesmo com a deficiência visual); fidelidade à Igreja e à Congregação; muita correspondência (cartas e mais cartas); vocacionado do Oratório (Lorena) e do São Joaquim; confessor do bispo Dom Murilo e de vários presbíteros diocesanos e religiosos; alegre e extrovertido, mas também compenetrado.”

P. Júlio Comba, em seu depoimento nos diz: “...infelizmente, desse nosso querido irmão, só lembro que foi um padre muito bom e um pianista maravilhoso, do qual recebi algumas preciosas aulas (de piano), lá na saudosa Lavrinhas.

O P. Antonio Lages, que já tem mais de 90 anos e é o decano dos salesianos do Brasil, disse-me que, do referido Padre Octaciano ele foi assistente e professor. Acrescentou que o P. Octaciano foi um bom aluno, bom músico e muito alegre. Disse ainda que o dito P. Octaciano tinha uma devoção extraordinária para com Nossa Senhora e que era incapaz de falar mal dos outros.

O P. Mário Bonatti disse-me que o P. Octaciano, sempre que viesse a Lorena para visitar a família, nunca deixava de visitar os salesianos do São Joaquim”.

Outro Salesiano que conviveu com o P. Octaciano, foi o P. Valdir Andreatta que recorda: “conheci o P. Octaciano em Lorena, quando foi ordenado sacerdote e veio celebrar para nós, os aspirantes, no Santuário de São Benedito, uma missa solene.

Em 1944, o encontrei em Lavrinhas, como nosso catequista. Ensaiaava canto, tocava harmônio e piano, acompanhando as operetas que então eram o ponto alto do final de uma festa. Ensaiaava canto gregoriano e, com um grupo, ao qual eu pertencia, ensaiava os solos do mesmo, e nos chamava carinhosamente de Canarinhos. Calmo e delicado com todos, parecia não ter pressa.

Apreciava muito a natureza, gostando de dar passeios pela horta e pelos arredores do colégio, contemplando o arvoredo. Dava aula de geografia; mas, antes, se tivesse rezado missa nas cidades vizinhas e na serra da Mantiqueira, contava o que lhe acontecera, conversando com o povo, as pessoas das localidades. Já naquela época tinha o costume de dizer: "Era tão bom" ... pois, para ele não existia pessoa ruim.

Nos退iros me contava como acompanhava doentes e marinheiros no porto do Rio Grande, compadecendo-se muito daquelas situações em que se encontrava aquela gente...

Como era nada espalhafatoso, mas sossegado, sua presença era discreta, mas nem por isso deixava de dar a perceber que era salesiano, religioso, piedoso e apostólico. Era desses de quem se podia dizer: "barulho não faz bem e o bem não faz barulho", pois era sempre meio desapercebido pelo seu modo retraído, embora fosse comunicativo".

Uma das tarefas mais queridas pelo P. Octaciano era o atendimento de confissões. E atendeu tanta gente de todos as classes, serviços e condições. Foi confessor de Bispos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas, Seminaristas e especialmente do povo. Uma das Monjas Carmelitas que o conheceu, dá o seguinte depoimento: "eu me chamo Irmã Maria Irene de Jesus Hóstia; eu admirei muito o P. Octaciano. Não falava muito com ele, mas a conversa que a gente tinha era em volta das composições musicais dele, que são maravilhosas. De vez em quando, eu volto a cantar os dois cantos que eu tenho e de que tanto gosto. Era uma alma muito mística, pode-se dizer. E era a voz do povo que ele era um santo e eu acreditava nesta verdade. Como pertenço à clausura do Mosteiro de São José das Carmelitas Descalças, então não tinha aquele contato tão íntimo. Era muito zeloso pelas almas."

Entre os tantos depoimentos de pessoas da cidade de Rio Grande, de Ponta Grossa, de Itajaí, apresento alguns que recordam a figura querida do P. Octaciano.

Recorda Adriana Aparecida Penteado, de Ponta Grossa: "falar do Padre Octaciano é sempre uma alegria, pois era uma pessoa muito nobre, muito santa. Não me esqueço nunca de cada sermão que ele fazia nas missas, na Capela Dom Bosco, onde ele sempre falava do Evangelho; sem nunca esquecer de Dom Bosco e de Nossa Senhora. Em todas as celebrações, seja missa, novena, batizado ou casamento, ele falava de Dom Bosco e Nossa Senhora."

Isabel Cristina Cecato de Ponta Grossa, diz: «Padre Octaciano, ou como o chamávamos carinhosamente quando crianças, “Padre Cassiano”. É com grande alegria e saudades que escrevo estas linhas sobre essa pessoa tão especial e querida. Especial porque tinha sempre um sorriso e uma palavra de carinho para quem com ele encontrasse, independente da idade que tivesse, fosse senhor, senhora, criança ou jovem. Padre Octaciano foi de grande importância em nossa formação espiritual, sempre orientando-nos no caminho do bem e do amor a Deus, a Jesus e a Nossa Senhora. As orientações foram tão preciosas, que há alguns anos meu irmão, ainda menor de idade na época, sentiu em seu coração o chamado à vocação do sacerdócio e queria ingressar no seminário. Padre Octaciano então lhe disse:

- Ainda não, ainda é cedo. Termine o segundo grau e mais tarde, quando completar 18 anos, será o tempo certo e então terá certeza de sua vocação.

Os anos se passaram e quando já completos os 18 anos e o segundo grau, em 1989, entrou no seminário maior, Congregação dos Legionários de Cristo, e em 22 de dezembro de 2001, em Roma, recebeu o sacerdócio o agora Padre Marcelo Cecato. Filho de Atílio Carlos Cecato e Lídia Cecato, filho da comunidade Dom Bosco, filho da sabedoria do cultivo de uma vocação bem plantada e zelada pelo Padre Octaciano. Sim, plantada no coração de meu irmão, primeiro por Deus e depois pelo exemplo fervoroso de santo sacerdote que foi o nosso bom “Padre Cassiano”..»

Relato de Josi Penteado da Comunidade Dom Bosco de Ponta Grossa: «para mim, o P. Octaciano foi motivo de minha participação na comunidade, ajudando da maneira que me é possível a passar tudo o que sei e aprendi na minha fé, minha religião, na minha vida de leigo salesiano. Sei de muitas passagens que Padre Octaciano nos contava sobre Dom Bosco e Mamãe Margarida, pois nunca deixava de mencionar uma historinha nas celebrações; lembro-me também que vinha a pé para celebrar a Missa ou mesmo a Novena na Capela Dom Bosco, pois enquanto caminhava, rezava; sempre saía com antecedência porque era ele interrompido por todos em sua caminhada: todos queriam sua bênção e seu sorriso simples, mas profundo.. Toda vida atencioso com todos, após sua celebração, faziam-se filas em torno do altar, todas as crianças e também os adultos; era impossível sair da Capela sem suas bênçãos.

Padre Octaciano correspondia-se muito por cartas a lugares que não sei citar; mas vivia a escrever; ele mesmo comentava que recebia cartas e até comentava algumas em seus sermões. Entre elas, algumas de Medjugorje. Sermões, estes, sempre longos, os quais trazia escritos e obedecia a uma seqüência de domingo a domingo. Algumas cartas que ele recebia dirigiam-se ao Padre como “meu filho Octaciano”.»

Da cidade de Rio Grande, RS, vários foram os depoimentos sobre o P. Octaciano. Colhi alguns que mostram a admiração do povo para com este sacerdote salesiano.

“O P. Octaciano foi o fundador da “Hora Salesiana”, que dirigiu por vários anos aos sábados à noite; e aos domingos, na parte da manhã era levada ao ar a “Hora Católica”, noticioso oficial da Igreja Católica, pela Rádio “Rio-Grandina” (hoje “Nativa”), que no início foi acompanhada também pelo P. Octaciano. Mais tarde, passou para o MFC e finalmente ficou sob a inteira responsabilidade do Sr. Jorge Kalil, que patrocinou esse programa e ao mesmo tempo o dirigiu, durante 19 anos.

P. Octaciano foi capelão da Beneficência Portuguesa. Rezava Missa, atendia aos doentes, confessava, levava a comunhão, administrava a Unção dos Enfermos, etc. Era sacerdote exemplar que não deixava de ser modelo para os demais sacerdotes da nossa Diocese. Tenho absoluta certeza que foi um grande sacerdote e que muito contribuiu para santificação da hoje nossa Diocese. Fazia visita aos encarcerados, aos pobres e a atuação dele aqui no Rio Grande foi sem dúvida excelente”. (Sr. Jorge Kalil, empresário rio-grandino do ramo comercial)

“Quem está falando aqui é o Carlos Roberto Silva, radialista e funcionário público municipal. Fui aluno do Liceu Salesiano e, por gostar de música e de rádio, o P. Octaciano me convidou para acompanhá-lo no programa da “Hora Salesiana”.

Como ex-aluno salesiano, devo muito ao P. Octaciano, pois foi ele que me proporcionou essa oportunidade de poder abraçar esta causa, tão cara para mim, e que é ao mesmo tempo, o meu “ganha-pão”.

Em 1971 eu fazia, juntamente com o P. Octaciano Ribeiro de Souza a “Hora Salesiana”. Quando ele precisava se ausentar, por motivo de viagens ou em vista de outros compromissos, eu costumava substituí-lo nesse programa da “Hora Salesiana”. Embora eu professe a religião evangélica, mas não deixo de ser devoto de Nossa Senhora Auxiliadora e tenho uma grande estima por Dom Bosco e admiro muitíssimo a sua obra e os meus amigos salesianos”.

“O P. Octaciano lecionou no ginásio comercial: Português e Latim. Falava seguidamente de Dom Bosco nas aulas. Mantinha uma disciplina escolar bastante rígida, com os alunos. Era coordenador da disciplina, que naquela época era chamado de conselheiro.

Aos domingos incentivava o Oratório Festivo. Procurava estar sempre com os oratorianos no pátio. Era rodeado pelas crianças e sempre contava exemplos edificantes para incentivar e educar a criançada a fim de trilhar o caminho do bem.

Depois de conseguir triciclos, encarregava sempre alguns dos maiores para cuidarem de cada triciclo, que a criançada costumava andar no pórtico. Formavam-se, assim, filas mais ou menos de 15 crianças para poderem andar de triciclo, quando chegava a sua vez. O encarregado de cuidar da fila tinha também o direito de fazer as suas voltas, quando chegava o momento azado, embora não estivesse propriamente na fila.

Após os divertimentos, na hora estabelecida, havia cerca de meia hora de catequese nas salas de aula do Liceu, inclusive na igreja, divididos em grupos; em seguida, vinha a bênção do Santíssimo Sacramento. O encerramento do Oratório se dava com um cinema no salão de atos. Ao projetar na tela o “Mocinho”, então a torcida e os gritos de alegria eram ensurdecedores. Quando o tempo favorecia, então chegavam a comparecer cerca de 500 participantes, incluindo também as mães que acompanhavam os pequeninos.

O Padre procurava atrair os meninos e as meninas por meio de balas, santinhos, medalhinhas, etc. Compunha músicas, tocava muito bem harmônio. Nas apresentações teatrais tocava com exímia capacidade o piano.

Quando saía de bicicleta para visitar alguém na cidade, costumava levar no bagageiro um cachorrinho “vira-lata”. Era sinal que tinha muita estima pelos animais e, sem dúvida, pela natureza também” (Ricardo Menezes Terra, ex-aluno do Liceu e atual porteiro do colégio Salesiano).

“Em 1950 eu vim para a cidade de Rio Grande e fui lecionar no Colégio São Francisco. Um dia apareceu o P. Francisco Stachlewski Sobrinho, de saudosa memória (com o qual trabalhei 25 anos), na sala de visitas dos Irmãos Maristas e insistiu, perguntando se eu não queria trabalhar com os Salesianos!

Eu respondi sorrindo: - quem sabe? E não sabia que alegria me estava sendo reservada! Então o P. Francisco me pediu para que eu comparecesse na segunda-feira da semana seguinte, no Liceu. E eu fui! Era o P. Érico Schmengler o diretor. Quem é que me recebeu?

Recebeu-me um Padre de meia idade... e eu fiquei impressionado olhando aquele padre, conversando com ele e ele me disse assim: E o senhor vai me ajudar na “Hora Salesiana”? E respondi que eu nem sei o que é essa “Hora Salesiana”. E me retrucou dizendo que era o programa na rádio rio-grandina, que hoje é “Rádio Nativa”. Eu sou o P. Octaciano, eu trabalho com os meninos aqui no “Oratório São Domingos Sávio” e o senhor vai me ajudar também.

O trabalho apostólico do P. Octaciano aqui em Rio Grande era uma coisa fantástica. As visitas que ele fazia (às casas e) às pessoas, depois comentavam que receberam uma grande graça porque a visita que o P. Octaciano fazia não era ele que fazia, mas parecia o próprio Dom Bosco. Porque ele vivia a vida de Dom Bosco. Ele transmitia aquilo que sentia. É como muito bem dizia Santo Agostinho que a nossa boca fala da abundância do coração. Ora, se ele tinha muita santidade e muito Dom Bosco no coração, ele só podia falar coisas assim. Trabalhei muito com ele e depois, para surpresa minha, um dia eu o encontrei um tanto triste, e me disse: pois é, a Providência vai me mandar lá para o Paraná; e para lá se foi.

Mas o Padre Octaciano deixou uma grande marca entre os ex-alunos e mesmo quem não foi ex-aluno tem um carinho todo especial, pois, onde ele aparecia, sempre teve uma palavra de conforto. Rio Grande deve muito ao P. Octaciano. Se ele não foi honrado com o título de Cidadão Rio-Grandino, pelo menos de coração o foi. E as obras? O Evangelho nos diz que pelo frutos conhecereis a árvore. Pois bem, pelos frutos que esse grande sacerdote salesiano autêntico deixou em Rio Grande, é indiscutível aquilo que pregou e as obras estão aí” (Dante Lazzarini, vereador municipal e ex-professor no Liceu Salesiano Leão XIII).

“De quanto em vez também era convidado para rezar missas aos domingos, (que se prestava de boa vontade) e em datas comemorativas ou nas festas dos seus respectivos padroeiros na “Quarta Secção da Barra”, outras vezes na “Quinta Secção da Barra”, onde se localiza o Farol da “Barra”, assim chamado.

Como ainda não havia pároco, então, esporadicamente essas comunidades eram atendidas pelos Salesianos e, de modo especial, pelo P. Octaciano, que era muito estimado pelo povo daquelas localidades. “Era Deus no céu e o P. Octaciano na terra”. Até hoje, é muito lembrado entre as comunidades acima mencionadas.

Era modesto, simples e sem espalhafatos. No pátio deixava-se rodear pelas crianças que acompanhavam com muita atenção as histórias e fatos, quando lhes narrava” (Pedro Votto, ex-aluno do Liceu e atual ministro da Comunhão na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, em Rio Grande, RS).

“P. Octaciano era um padre incrível. Andava sempre de batina e o povo dizia que era um verdadeiro padre. P. Octaciano, quando recebia algum telefonema em Ponta Grossa, sempre perguntava pelo garoto Luiz Fernando, que hoje é sacerdote e trabalha atualmente em Santa Vitória do Palmar, como pároco.

Gente que era indiferente na religião ou não acreditava muito nas bênçãos, pedia-lhe que abençoasse as casas, as famílias e as águas para aparecerem peixes, porque muitas vezes a pescaria se tornava muito difícil. E ele sempre atendia a todos, com o sorriso que lhe era característico. Falava muito de São João Bosco, de Nossa Senhora Auxiliadora, de São Domingos Sávio e de outros(as) santos(as). O pessoal se convertia com a presença dele” (Diamantina Lourenço da Hora, moradora do Farol da 5^a Secção da Barra – Capela Nossa Senhora da Boa Viagem – São José do Norte, RS).

Assim amigos e amigas, queremos com esta Carta Mortuária, ainda que tardia, guardar a lembrança deste salesiano sacerdote, que com suas qualidades pessoais (e foram tantas) e com seus pequenos defeitos (próprios de nossa humanidade), guardou a fé e viveu com intensidade a sua consagração batismal, religiosa e ministerial. Que ele, de junto de Deus e da Santíssima Virgem, onde vive a Páscoa eterna da Ressurreição, possa interceder por esta Inspetoria, especialmente pelas vocações salesianas de especial consagração.

Porto Alegre, 12 de abril de 2004
Solenidade da Ressurreição do Senhor

P. *José Valmor Cesar Teixeira*
Inspetor Salesiano BPA



P. Octaciano Ribeiro de Souza

Nascido em Piquete, SP, em 14 de julho de 1914
Falecido em Ponta Grossa, PR, em 17 de julho de 1999
Aos 85 anos de idade
57 de sacerdócio
65 de profissão religiosa



Inspetoria Salesiana São Pio X - BPA

Av. Cel. Lucas de Oliveira, 845 - Mont' Serrat - CEP 90440-011

Porto Alegre - RS - Brasil

inspetoria@dombosco.net

www.dombosco.net